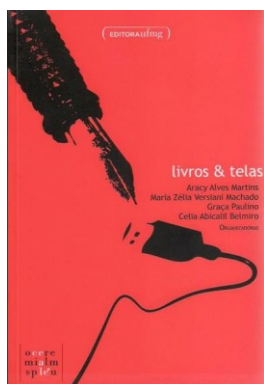


Dos “Livros & Telas”: Possibilidades de Leitura na Era Digital

MAUREN PAVÃO PRZYBYLSKI

Universidade Federal do Rio Grande do Sul



Aracy Alves Martins, Maria Zélia Versiani Machado, Graça Paulino e Célia Abicalil Belmiro (orgs). *Livros & telas*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2011, 262 pp. 978-8570418791.

L*ivros & Telas* é uma obra organizada por Aracy Alves Martins, Maria Zélia Versiani Machado, Graça Paulino e Célia Abicalil Belmiro e resultante de reflexões do Grupo de Pesquisa do Letramento Literário do Ceale-FaE- UFMG (GPELL), existente desde 2006. Nesta obra pretende-se enfocar a questão do letramento e a valorização da qualificação do ensino público brasileiro, a partir da divulgação científica do processo. No prefácio, Soares e Maciel (2011: 15) destacam o evento intitulado o “Jogo do Livro”, evento que juntamente com o Fórum ibero-americano de letramentos e aprendizagens visa possibilitar um aprofundamento das relações entre os pesquisadores ibero-americanos, oportunizando-lhes um momento para troca de experiências sobre pesquisas de intervenção realizadas dentro e fora da sala de aula. Em 2009, a temática voltou-se para os meios contemporâneos de leitura, em suas diferentes mídias e suportes, e sua relação com o suporte *livro* e deu origem a obra sobre a qual discutiremos.

O livro é dividido em 4 partes. A primeira parte pontua algumas temáticas importantes nessa relação livros e telas: a questão da experiência e narrativas de si e com o outro, no jogo da vida, a internet e sua relação com a literatura; a tela e o jogo e a reflexão sobre o o livro na contemporaneidade.

Sobre a experiência e a narrativa de si e com o outro, Rosa Fischer em “No jogo da vida, experiências e narrativas de si com o outro” procura entender “as histórias de vida como critério de análise, por perceber que os novos modos de pensar se encarnam em pessoas, em grupos, em histórias de

vida e de países, muito diferentes entre si e cada vez mais conectados, transformados por essa conexão” (2011: 53). Isso acontece porque seu foco é no cinema e nas formas de narrar do nosso tempo a partir de dinâmicas com estudantes de pedagogia. É a aposta na originalidade estética surgida a partir das experiências pessoais.

Emmanuel Fraisse, no artigo intitulado “Internet e Literatura”, dá destaque à mudança nos domínios da produção, circulação e transmissão da informação e da escrita em consequência de uma digitalização. O mais interessante em sua reflexão é o subitem de seu capítulo “Internet e Literatura”, intitulado “Criação Literária e Internet”. Considera o surgimento da internet como um lugar alternativo, um ponto de fuga à ditadura mercadológica, um lugar onde a “recomendação individual e «autêntica» vem substituir a formação de massa e as barreiras editoriais institucionalizadas”(p.68), ou seja, o indivíduo comum ganha um espaço de divulgação e propagação de suas ideias, poesias, críticas diferentes do aceito pelas editoras e espaços legitimados. A “moderação” é, para o autor, essencial para a estabilidade dos sites literários e, ao mesmo tempo, contraditória por seu caráter aberto e quase libertário. A resistência está na presente da aceitação de blogs, sítios como formas de constituição de narrativas e possibilidades de reinventar o trabalho com leitura e escrita.

Regina Zilbermann, em “A tela e o jogo, onde está o livro?”, retoma o surgimento da leitura e da escrita, com base nas perspectivas de Walter Benjamin e Friedrich Nietzsche. A autora destaca a escrita como *status* e poder, na medida em que uma pessoa só será considerada totalmente proficiente se tiver ambos domínios: da leitura e da escrita. Zilbermann recorre a Roger Chartier e Georges Jean para entender que é “a escrita, por sua vez, que sofre mais visivelmente os resultados das transformações tecnológicas refletidas na maneira como seus suportes se modificaram”(p.78). Entende que é possível, a qualquer escritor, reconhecido ou não, criar um blog, um sítio e assim ter sua produção legitimada. Zilbermann traça um paralelo entre a tela e o livro, quando diz que “é no universo digital que a produção literária se expande: gêneros como poesia, que tão poucas oportunidades recebem por parte dos editores, segundo os quais não é lucrativo publicar livros de versos, povoam blogues, revistas eletrônicas e até sites de relacionamento”(p.87). De certa forma, o que a pesquisadora afirma é que, assumindo tanto a escrita eletrônica quanto a tradicional como válidas, não se trata de maior ou menor qualidade, mas de espaços diferentes de aceitação e legitimação.

Como fechamento da primeira parte temos o artigo “Ler na tela. O que é, hoje, um livro”, de Ana Elisa Ribeiro. A autora procura traçar um paralelo entre os prós e os contras sobre o livro impresso e a produção digital. Como vantagem do livro impresso destaca todos os erros decorrentes no computador e a fragilidade da máquina. O principal argumento reside no fato de a função do livro ser uma só: a da leitura, enquanto o PC tem no livro

uma dentre tantas funções. Ribeiro recorre a McLuhan para afirmar que o “artista sério é a única pessoa capaz de enfrentar impune a tecnologia, justamente porque ele é um perito em mudanças da percepção” (p.102) e destaca que é a cultura da sociedade que dá maior ou menor valor aos textos em determinados suportes. “Assim, continua sendo prioritário para um escritor publicar um livro de papel que de ebook. Talvez porque ao último ainda faltem história, conforto e, principalmente, leitores” (2011: 102). É fato que no Brasil ainda faltam leitores de *ebooks* por ser um dispositivo mais caro e de mais difícil acesso. Quanto ao julgamento de qualidade, ele sofre os mesmos problemas que o meio tradicional. Existem livros melhores e piores, de acordo com os métodos avaliativos próprios do cânone.

A segunda parte pretende repensar o impresso e o digital em suas mobilidades culturais e políticas. Ivete Walty (2011), ao analisar a “Literatura: percursos de leitura”, compartilha as ideias de Dora Schnitman na obra *Novos Paradigmas, cultura e subjetividade* (1995), para reconhecer o lugar do sujeito na produção do conhecimento e a importância da enunciação, do lugar de quem fala e para quem se fala. Diz Schnitman (*apud* Walty: 110): “(...) um metadesenho de contextos que integra ciência e arte, por meio de redes interdisciplinares, o uso de tecnologias de simulação (vídeo, computação), e a conversação (redes de telecomunicações), incorporando assim a estética à participação social”. Walty ainda vai definir a literatura como elo de uma rede cultural que se expande para o norte, o sul, o leste e o oeste, sem caminhos pré-definidos, não importando de onde eles partem (bibliotecas, museus, escolas), pois a identidade só se constrói em processo. Partirá, então, para exemplos de poesia na web ou fora dela. Citará o professor, poeta e pesquisador Alckmar Santos que, num ensaio intitulado “Um programador na loja de cristais ou um poeta no laboratório” (2009, p.54-55 *apud* Walty, p.111), fará uma relação entre o poeta e o programador, no presente e no passado. Destaca os poemas no ônibus de BH, parte do projeto *Literatura para todos* bem como o Sarau da Cooperifa, que acontece nas quebradas, na periferia de São Paulo e é organizado pelo poeta Sérgio Vaz. Esse trará a tona sujeitos/escritores, “essa gente que durante muito tempo foi e é moída dentro dos ônibus lotados (...) agora tinha um dia para comungar a palavra, essa palavra que a gente não tinha e agora é a nossa voz” (Cooperifa, antropofagia periférica, p.114 *apud* Walty, 2009, p.121 – Grifos da autora). Finalmente, traz o diálogo com sujeitos e espaços acadêmicos, a partir da atuação de Heloisa Buarque de Holanda e Numa Ciro, na *Universidade das Quebradas* que tem o “intuito de beneficiar autênticos artistas urbanos cariocas (DJ’s, MC’s, Rappers, Grafiteiros, Poetas, Escritores, Slammers, Educadores Sociais, Arte-Educadores, entre outros) ao contato direto com conhecimentos diversos de educação e cultura, exclusivos na maioria das vezes a uma pequena parcela formadora de opinião da nossa sociedade” (2011: 115). Concluirá destacando as infinitas possibilidades de construção textual, de diálogos entre gêneros e seus suportes e entendendo os textos como meios

de transporte, por atravessarem, organizarem lugares, reunirem-nos em um conjunto. É a defesa de novos olhares e a legitimação de novos sujeitos produtores de poesia, seja ela na tela ou no livro; a necessidade da sociedade de uma reciclagem nas relações de poder sob a palavra.

Elvira Vigna, em “Literatura e Internet”, vai ao encontro do texto de Walty. Ao discorrer sobre uma literatura feita *na e para a* internet, vai defini-la como textos curtos, de linguagem próxima do oral e cuja criação de heróis vem desde um *post* curto até a construção de um avatar. Situa a ideia de que qualquer um possa fazer literatura como nova, porque esta ciência está atrasada. Em sua relação com a arte, afirma que esta última passou a ser feita em qualquer lugar, como nas performances e instalações públicas e por qualquer um, independente de ser um grafiteiro ou um videomaker. E, segundo Vigna, se a literatura é elemento imprescindível para os processos de significação da humanidade, a internet é um local de letramento literário, *estado ou condição de quem faz usos da literatura*. Destaca ainda que é preciso que o sujeito produtor escreva de forma atraente para ter seu blog lido. O que para ela define a palavra escrita como literatura é o exercício criativo/significativo com preocupações estéticas. E isso, depende exclusivamente do escritor e não do poder de quem o define como tal.

Leo Cunha, no artigo “Perdidos e achados no ciberespaço”, cria uma história de um escritor que entra na Internet, se perde nela e não sabe onde está, por onde ir, como sair, para definir a sensação que muitas pessoas tem num primeiro contato com o ciberespaço. Ao final, quando o escritor acha a saída questiona-se se existe fim no ciberespaço? E as obras estão inacabadas? E conclui seu livro *Perdido no ciberespaço* (2011, p.141) de forma cíclica, o jogo começa outra vez. Cunha, neste artigo, deixa claro para os leitores a possibilidade de leitura e escrita a partir da internet e o caráter de inacabamento deste espaço.

Vera Casanova, em “Tal imagem, qual texto? Ou tal texto, qual imagem?” procura entender a relação entre imagem e texto, ou como a autora mesmo diz entre *médium e poesis*; *poesis e mimesis* como processos de criação. Reflete como a arte é pensada por alunos e professores. Pensa no poema como possibilidade de os alunos saírem do seu lugar-comum, da sua existência cotidiana e vê isso como mais um dos tantos papéis do professor. A imagem é para ela a articuladora da experiência e o hipertexto como originador da hiperleitura, que transforma as relações entre palavras, sons, imagens e palavras produzidas não linearmente, em conexões eletrônicas.

Já Patricia Corsino, no artigo “A tela e a escrita, a escrita e a tela. Interações e leituras”, pensará na tela como a obra de arte e a escrita, ao lado da linguagem oral, como arquivo de semelhanças. Retoma Eagleton para pensar o ser ou não ser arte na vida social. Fecha suas interações e leituras a partir da retomada do filme *Abril Despedaçado* de Walter Salles. Essa relação pintura, arte, filme se bem trabalhada em sala de aula pode ser interessante na constituição de um leitor de tela, de livros e de mundo.

A terceira parte, “Telas e Livros. Na formação de leitores”, dá conta de artigos de membros externos e também dos do grupo de pesquisa. Traz exemplos de seu fazer cotidiano, de suas respostas obtidas ou não em sala de aula. Explica o nascimento do programa e também justifica a temática do livro. Tem como foco maior a leitura no meio digital e a formação do leitor contemporâneo. É um material extremamente rico para inspirar o professor em sala de aula. A partir dos modelos é possível repensar as possibilidades de trabalho com as novas tecnologias, da formação desse leitor múltiplo: leitor da tela, leitor do papel.

A quarta e última parte tem como subtítulo “Literatura na TV e no Cinema”. Rildo Cosson, no artigo “Explorando nossa imagem. Aula de literatura no cinema” trará o filme como representação e sua aplicabilidade na sala de aula. Traz exemplos de filmes a serem trabalhados em sala de aula e o modelo do professor de literatura como mentor. Isso é bastante interessante se pensarmos na carência dos professores de literatura nas salas de aula do ensino público brasileiro. Cosson oferece ferramentas para o aperfeiçoamento dos professores e a formação dos alunos, a partir da união papel e tela.

Finalmente, Carolina Marinho em seu texto intitulado “O maravilhoso mundo narrativo” faz uma crítica ao cinema como narrativo. Destaca a tradução intersemiótica, a relação ficção x realidade e a linguagem. Termina dando destaque à hibridação de linguagens num mundo de possibilidades e recombinações. É o cinema em sua relação com a literatura e como responsável por uma abertura das mentes, face ao olhar para com o mundo.

A obra como um todo explora de forma clara aspectos importantes no tocante aos estudos que relacionam a literatura e a informática. Traz o importante questionamento sobre uma tensão aparente no âmbito destes estudos: o livro permanecerá? A tela sobreporá o livro? Cada parte do livro dá conta destas respostas e nos leva a acreditar na internet e na literatura como aliados dos profissionais da educação na formação de um leitor crítico e que poderá, também, tornar-se escritor de uma narrativa singular, híbrida e não menos rica do que aquelas que já estamos habituados a manejar.